

Rodoviárias perdem 66% dos passageiros em uma década



As irmãs Augusta (E) e Ivone se surpreenderam com o encerramento do terminal de Rolante e acabaram tendo de pedir ajuda a um neto para conduzi-las até Taquara

Pandemia, enchente e serviços por aplicativo agravaram crise que vem levando ao fechamento de estações no Interior. Praticamente dois terços dos municípios gaúchos não contam atualmente com esse tipo de estrutura em funcionamento

Rodoviárias perdem 66% dos passageiros em uma década no RS

Marcelo Gonzatto
marcelo.gonzatto@zerohora.com.br

Pouco antes do meio-dia do último dia 12, a aposentada Augusta Machado, 79 anos, senta-se no banco formado por uma única lâmina de madeira acinzentada colocado junto à

fachada da rodoviária de Rolante, no Vale do Paranhana. Recupera o fôlego com a intenção de se dirigir ao interior do prédio para comprar passagem até Taquara, de onde pretende seguir rumo a Esteio. Augusta não percebe o cartaz colado na porta trancada do estabelecimento, onde se lê: "Co-

municado: encerramento das atividades. Hoje, 30 de outubro de 2024, comunicamos a todos o encerramento das atividades da Rodoviária de Rolante".

– Fechou? Como assim? Achei que estava aberta. E agora? Não tem como comprar passagem, pedir informação? – espanta-se a idosa, recém-chegada da cidade de Riozinho, ao ser avisada sobre a suspensão do serviço.

É uma surpresa cada vez mais comum no Rio Grande do Sul, onde a debandada de passageiros provoca um apagão no setor e vem levando muitos concessionários a fechar as portas.

A quantidade de bilhetes vendidos nas cabines despencou 66% ao longo dos últimos 10 anos, o que derrubou o faturamento dos empreendedores e faz com que existam atualmente apenas 184 agências e estações rodoviárias cadastradas em situação ativa no Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem (Daer) – quase a metade do que o Estado já teve.

Aprofundamento

Em razão desse fenômeno, praticamente dois terços das cidades gaúchas não contam hoje com esse tipo de serviço. A decadência dos terminais, que muitas vezes eram uma das referências dentro do município, ao lado de locais como a prefeitura e a igreja, é percebida ao longo de toda a última década. Mas a crise, que já era grave, aprofundou-se depois da pandemia de covid-19.

– Desde 2014, a quantidade de passageiros vinha caindo

entre 5% e 10% ao ano. Com a pandemia, despencou e não voltou ao mesmo patamar. Muita coisa que era presencial deixou de ser, os cursos de educação a distância aumentaram, além da concorrência dos aplicativos de carona – analisa a diretora de Transportes Rodoviários do Daer, Luciana do Val Azevedo.

Quantidade de bilhetes vendidos cai de 32,2 milhões para 10,9 milhões

A quantidade de bilhetes vendidos nas rodoviárias (excluídas as aquisições diretas nos veículos) recuou de 32,2 milhões em 2013 para 10,9 milhões em 2023. Neste ano, o cenário é semelhante: até setembro, foram registrados somente 6,8 milhões de passageiros. A perda de fluxo atinge com maior intensidade as estações e os municípios de menor porte, embora cidades com vocação turística como Arroio do Sal, no Litoral Norte, e Três Coroas, no Vale do Paranhana, também estejam sem estações no momento.

Geralmente, os locais que já funcionaram como rodoviária continuam servindo como ponto de embarque e desembarque de usuários, mas sem a estrutura esperada para um empreendimento do tipo, como sala de espera, banheiro, cabine de venda e outros benefícios.

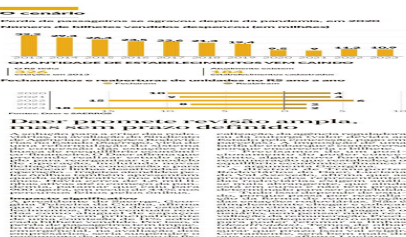
A enchente de maio complicou ainda mais a situação.

Em Porto Alegre, uma estação ficou cerca de um mês fechada por conta da inundação ocorrida no começo de maio. Só retomou as viagens intermunicipais no dia 7 de junho. Em Três Coroas, depois de a água invadir o saguão, o concessionário deixou de prestar o serviço. Um novo investidor assumiu o local, que está em obras e sob expectativa de reabrir nos próximos meses. Até lá, os passageiros precisam se adaptar.

– É um desconforto, não tem banco, cadeira, nada. Pra pagar a passagem, desço na rodoviária de Gramado, compro o bilhete e entrego ao motorista – conta a servidora pública Juliana da Silva, que mora em Três Coroas e se dirige todos os dias a Canela para trabalhar.

Por vezes, é possível comprar a passagem diretamente dentro do veículo, quando há cobrador, ou pela internet – mas a falta de uma cabine ou de um balcão de informações deixa passageiros como Augusta Machado sem saberem o que fazer. Diante da ex-rodoviária de Rolante, ela não sabe como adquirir o bilhete e se os ônibus de fato seguem parando ali nos horários previstos. Ao lado da irmã, Ivone Machado, 77 anos, liga para um neto tentando uma nova carona para levá-la até Taquara.

– Vim de carona de Riozinho, onde também não tem rodoviária. Chego a Rolante, e a rodoviária está fechada. O que a gente faz, vai a pé? Vou esperar meu neto me buscar – resignou-se a aposentada. —



Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS

Seção: Em Foco **Página:** 4 e 5